



A representatividade da Polícia Militar de Minas Gerais na narrativa do “Super Notícia”¹

Marise Baesso TRISTÃO²
Christina Ferraz MUSSE³

Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF, Juiz de Fora, MG

Resumo: Este artigo tem o objetivo de mostrar, por meio da análise de conteúdo, como a narrativa do “Super Notícia”, jornal mais vendido entre os mineiros, e com a maior tiragem hoje no país, faz a representação da Polícia Militar de Minas Gerais na seção “Notícia do Dia”, principal reportagem do tabloide. A representação dos fatos no jornal popular e os valores-notícia dos assuntos relacionados com o crime neste tipo de mídia também serão tratados aqui.

Palavras-chave: jornalismo popular; narrativa jornalística; Polícia Militar; representatividade

Introdução

Os assuntos relacionados com a criminalidade e a violência urbana estão diretamente ligados com as corporações policiais, que lidam diariamente com os chamados comportamentos desviantes da sociedade e buscam fazer cumprir a lei e a ordem, seja por meio de projetos de prevenção ou pela ação repressiva. Estes assuntos ganham destaque na imprensa, porque as questões de segurança são, cada vez mais, também políticas, econômicas e sociais. Portanto, são temas que interessam à sociedade em geral e às autoridades, que se preocupam em mostrar que os índices de violência estão sendo reduzidos ou encontram-se sob controle de corporações bem preparadas para lidar com esta complexa realidade. Complexa devido ao medo constante que a leva a uma obsessão por segurança na sociedade moderna, segundo Bauman (2006).

Estes fatos noticiados são buscados diariamente na rotina das redações. E, nesta busca dos jornalistas, geralmente setorizados, as corporações policiais têm importante papel como fonte de informação da criminalidade violenta. Os repórteres fazem rondas frequentes para os centros de operações policiais ou para os setores de assessoria, nas quais são informados dos fatos. Apesar de não serem as únicas fontes, já que a população também denuncia os fatos, as polícias são a mais considerável fonte neste

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e mestranda do PPGCom da UFJF, email: marisebaesso@hotmail.com

³ Professora doutora adjunta do PPGCom da UFJF; e-mail: musse@terra.com.br



setor. Dito isso, é importante destacarmos aqui que as mesmas instituições que existem para combater o crime são também as que informam estes acontecimentos para que sejam divulgados nos jornais. Portanto, este é um fator que não pode ser ignorado quando pretendemos descobrir que representação de uma corporação é feita em um determinado jornal.

Como nosso foco neste artigo é voltado para a imprensa popular, buscaremos mostrar aqui que o assunto criminalidade é um dos pilares destes veículos, levando a uma exposição diária de manchetes sobre o crime, que acabam expondo também a imagem destas corporações, levando-se em conta que há uma associação entre estes assuntos criminais e as corporações policiais. Além destes assuntos, que chamaremos aqui de “policiais”, o futebol e as variedades, com destaque para o mundo televisivo, seriam o tripé no qual se sustentam jornais impressos populares. Apesar de a imprensa popular ter sido bastante explorada em estudos recentes do mundo acadêmico, há pesquisas ainda restritas quando se pensa na representatividade que uma corporação policial ganha neste tipo de veículo de comunicação.

Neste artigo, vamos buscar qual é a representatividade da Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG) no “Super Notícia”, tabloide mineiro, que hoje é o jornal impresso com maior tiragem no país. A análise será restrita à seção “Notícia do Dia”, que traz a manchete diária do periódico, com exceção dos dias em que o destaque da primeira página é o futebol.

Defendemos a importância de questionar que imagem vem sendo construída em relação à PM diante de temas recorrentes da imprensa no quesito violência e segurança pública. Partimos do pressuposto de que a cobertura jornalística das ações policiais privilegia o caráter repressivo da polícia e que há um reforço da imagem da corporação como organismo da ordem.

A representação da realidade no jornalismo popular

Silva (2010, p. 41) lembra que a violência, “ao se destacar de um ‘estado de coisas’ e se transformar em demanda, neste caso por segurança, passa, então, a preocupar os governantes e torna-se prioridade nas *agendas setting* e governamental”. Recentemente, políticos de estados como Minas Gerais e Rio de Janeiro tentaram transmitir que as corporações policiais de seus estados tinham a criminalidade violenta sob controle, na tentativa de convencer a população, principalmente com a ajuda dos



meios de comunicação de massa, de que as pessoas estavam mais seguras em suas casas e nas ruas.

A situação serve para exemplificar que as ações policiais importam sim, principalmente em momentos decisivos da vida política do país. E a imagem que se tem destas polícias na mídia, especialmente a representação delas nos meios de comunicação de massa, será essencial para se ter desde uma formação de opinião sobre a segurança pública até mesmo o sucesso na implantação de políticas públicas, como acredita Soares (2000 apud SILVA, 2001, p. 49).

É preciso ressaltar, porém, que os meios de comunicação não reproduzem a complexidade do mundo, mas selecionam e enquadram a realidade, portanto trabalham a representação do cotidiano, que, quanto mais vendável, melhor. Este cenário que envolve o crime e as ações policiais é assunto tratado pelos jornais de referência, os *quality papers*, de uma maneira mais objetiva, o que não quer dizer neutra, e com um tipo de valor-notícia diferenciado na escolha dos assuntos quando se compara com a imprensa dita popular, que busca, muitas vezes, na crônica de costumes e no *fait-divers*⁴ os seus destaques. E é essa narrativa, essa forma de retratar e representar a notícia no “Super Notícia”, que é o objeto de estudo deste artigo para entender como a imagem da Polícia Militar de Minas Gerais vem sendo construída neste periódico.

Parte-se do princípio de que os meios de comunicação de massa contribuem, de maneira decisiva, para a construção da realidade. A notícia retira o fato de seu quadro de existência e o transporta para o âmbito da visibilidade pública, de escala diferente do seu contexto de produção. Esta construção da realidade, cada vez mais, influencia nossas percepções sobre os assuntos abordados. Traquina chama atenção para o enquadramento e a linguagem utilizados nos meios de comunicação de massa, que não são um espelho da realidade.

O filão de investigação que concebe as notícias como construção rejeita as notícias como espelho por diversas razões. Em primeiro lugar, argumenta que é impossível estabelecer uma distinção radical entre a realidade e os *mass media* noticiosos, que devem “refletir” essa realidade, porque as notícias ajudam a construir a própria realidade. Em segundo lugar, defende a posição de que a própria linguagem não pode funcionar como transmissora direta do significado inerente aos acontecimentos, porque a linguagem neutral é impossível. Em terceiro lugar, é da opinião de que os *media* noticiosos estruturam

⁴ O *fait-divers*, segundo Roland Barthes, é um tipo “popular” de informação. Segundo Serra (1980, p.,11), o *fait-divers* recalça a História em função de um espaço fechado sobre si mesmo, intemporal, mítico, voltado para a essencialidade de um destino. Nesta característica, entrariam notícias como pequenos escândalos, acidentes de carros, suicídios por amor, entre outros.



inevitavelmente a sua representação dos acontecimentos, devido a diversos fatores (...) (TRAQUINA, 2005, p. 168-169)

Mesmo quando existe esta clareza da construção da realidade pelos veículos de comunicação, nem sempre quem recebe a notícia raciocina desta maneira. Nem sempre há um pensamento crítico quando se tem uma versão em mãos. Então, a narrativa jornalística entra para a história como se fosse a narrativa da realidade. Kellner chama a atenção contra a apatia diante dos meios de comunicação de massa e ressalta que só é possível a pessoa adquirir poder sobre a cultura em que vive quando tem esta postura crítica diante daquilo que a mídia produz, quando consegue fazer a sua reflexão, que é a sua maneira de olhar.

Quando as pessoas aprendem a perceber o modo como a cultura da mídia transmite representações opressivas de classe, raça, sexo, sexualidade, etc, capazes de influenciar pensamentos e comportamentos, são capazes de manter uma distância crítica em relação às obras da cultura da mídia e, assim, adquirir poder sobre a cultura em que vivem. (KELLNER, 2001, p. 83)

Mas a grande mídia não colabora para despertar o espírito crítico e cidadão. Isso fica mais evidente em se tratando dos veículos da chamada imprensa popular. Este tipo de mídia, até mesmo pelos assuntos priorizados, como o *fait-divers*, e a forma da narrativa mais romaneada, não leva o leitor a ter este olhar crítico.

Pelo contrário, nas páginas dos jornais impressos são destacadas histórias de crimes, tragédias, mulheres com corpos expostos e o futebol. As chamadas editoriais mais sérias, como a Economia e a Política, não existem.

Jornalismo voltado para uma camada da população que, segundo o imaginário construído em anos de história, está em busca de sensações e divertimento, seja qual for o assunto tratado. Por esse imaginário difundido, indivíduos das classes C e D têm por opção jornais que primam por uma linguagem popular (com uso de gírias e palavras), fotos de mulheres seminuas nas capas, que também têm pequenas chamadas, muitas vezes com duplo sentido, das notícias do dia. (PAULA, 2009, p. 38).

Nos veículos que se enquadram neste tipo de jornalismo, com raras exceções, a criminalidade violenta é retratada em recortes particulares, desconexos da realidade geral da segurança pública de uma cidade. A narrativa dos fatos reforça o medo e o horror com personagens do meio urbano. Isso, ao invés de levar à crítica, provoca um estado de naturalização do crime.



Ao estudar o discurso da violência no “Notícias Populares”⁵, Dias (1996) ressalta: “A exposição chocante de fatos, acontecimentos e ideias, visando a emocionar para além dos graus normais da tensão psicológica, caracteriza a contribuição mais evidente desse jornalismo para tornar a violência irreal e banalizada (DIAS, 1996, p. 103).

Essa banalização é resultado do enquadramento feito por estas mídias. Matérias sensacionalistas buscam causar terror na população, em especial nas camadas médias, lançando a ideia na opinião pública de que é preciso fortalecer as corporações policiais, aumentar os seus recursos, armas e instrumentos de repressão para estabelecer a ordem na sociedade. Nosso objetivo aqui não será ver a repercussão das notícias na opinião pública, mas, a partir da própria narrativa do “Super”, buscar, via “Análise de Conteúdo”, se este discurso de punição e repressão está presente. Mais ainda tentar mostrar que, apesar de os delitos mais lesivos à sociedade serem praticados por aqueles que vêm das classes sociais mais altas, “o alarme social e o medo da criminalidade estarão relacionados sempre ao que Baratta chama de “estereótipo do criminoso”, presente no senso comum e que será fortemente sustentado pelos meios de comunicação de massa” (MENDONÇA, 2002, p. 50).

A seguir, vamos verificar que veículo de comunicação é o “Super Notícia”, que se tornou o jornal mais lido pelos mineiros em menos de uma década de existência e sobre a PMMG.

O “Super Notícia” e a Polícia Militar de Minas Gerais

O “Super Notícia” completa dez anos em 2012 já sendo um recordista no país. Segundo o Instituto Verificador de Circulação (IVC), de 2010, o “Super” chegou ao posto de jornal mais vendido do país, depois de 24 anos de liderança da “Folha de S.Paulo”. O periódico paulista era líder desde 1986 e chegou a perder o primeiro lugar em alguns meses de anos anteriores para o “Super”. Mas, segundo reportagem do próprio “Super”, do dia 1º de maio de 2011, “no ano passado, foi a primeira vez que a “Folha” ocupou o segundo lugar no ranking em um período consolidado de um ano.”

O jornal, com sede em Belo Horizonte, foi o escolhido para a análise justamente por ser hoje o mais vendido, por ser um veículo mineiro e popular, que confere grande

⁵ Foi um jornal que circulou em São Paulo entre 15 de outubro de 1963 e 20 de janeiro de 2001 e era conhecido por suas manchetes violentas e sexuais. É considerado até hoje “sinônimo de crime, sexo e violência. O jornal era publicado pelo Grupo Folha, mesma empresa que publica os jornais *Folha de S. Paulo*.



destaque ao tema violência. Criado em 1º de maio de 2002, hoje tem tiragem diária aproximada de 361 mil exemplares. As vendas são realizadas principalmente na região metropolitana da capital mineira, mas o jornal tem entrada na maioria das cidades mineiras. Além disso, ao invés de ser vendido apenas nas bancas tradicionais, é encontrado em padarias, supermercados, armarinhos, papelarias, locadoras de filmes e nas mãos de vendedores ambulantes. Em 2007, o periódico chegava a 116 dos 853 municípios mineiros. No ano seguinte, a distribuição já atingia 350 cidades do estado.

Com relação ao seu conteúdo, Noronha defende que há uma evolução em relação a antigos jornais populares de referência.

Ao contrário dos antigos jornais populares e sensacionalistas, como Notícias Populares, por exemplo, Super Notícia não utiliza termos chulos ou baixos, embora aborde com frequência assuntos sangrentos e polêmicos. Seria improvável encontrar, no Super, manchetes como "Aumento de merda na poupança", "Bicha põe rosquinha no seguro", "Broxa torra o pênis na tomada", já publicadas no extinto Notícias Populares. Entretanto, nem tão ao céu, nem tão à terra, nas manchetes do Super Notícia há sempre doses de ambigüidade, polêmica, comicidade ou curiosidade, com destaque para as manchetes da capa. (NORONHA, 2007, p. 41).

O jornal tem, em média, 32 páginas diárias. Não apresenta editorias de "Economia" e "Política". Suas editorias são "Opinião", "Cidades", "Geral", "Variedades" e "Esportes". As notícias de Minas Gerais, com predomínio dos assuntos que envolvem a criminalidade e têm as corporações policiais como fontes, concentram-se na editoria "Cidades". Já a "Geral" são reportagens com assuntos diversos nacionais e internacionais.

Sobre a PMMG, é preciso dizer que a corporação foi criada em 1775 e tem uma trajetória, que segundo a própria corporação, se confunde com a história de Minas. Hoje, o Comando da PMMG entende que os esforços para combater o avanço da criminalidade devem ter como alicerce as medidas preventivas, que devem ser alcançadas por meio de projetos feitos em conjunto com a comunidade.

Análise de Conteúdo da "Notícia do Dia"

Para este artigo, serão consideradas como objeto de estudo as edições do "Super Notícia" do período entre 1º de abril de 2011 a 30 de junho de 2011. Serão analisadas as matérias da principal seção do jornal, denominada de "Notícia do Dia". Para o levantamento quantitativo, todos os dias incluídos entre abril e junho foram verificados, mas, para a análise qualitativa, foram considerados apenas os assuntos que se referiam



às corporações policiais em Minas Gerais. A expectativa é de que, por meio da “Análise de Conteúdo”, tenhamos um mapeamento das tendências gerais da cobertura da página 3 do “Super Notícia” no que diz respeito à representatividade da PMMG. Vale ressaltar que esta página é considerada o espaço nobre do jornal e que, em geral, esta seção ocupa toda ela. A “Análise de Conteúdo” destina-se à investigação de fenômenos simbólicos, úteis, portanto, para a compreensão de fenômenos midiáticos.

Nossa base para este trabalho são as proposições feitas por Laurence Bardin (1979), no livro “Análise de Conteúdo”. Bardin sugere, em sua obra, várias maneiras de se analisar um objeto. Segundo esta autora francesa, a análise pode ser feita em cinco etapas: a organização, a codificação, a categorização, a inferência e o tratamento informático. A organização é, na verdade, a pré-análise, na qual ela explica que devem ser escolhidos os documentos a serem submetidos à análise em si, além de serem formuladas as hipóteses e os objetivos. Também é preciso, nesta fase, elaborar os indicadores que vão fundamentar a interpretação final. Estes indicadores também são escolhidos levando-se em conta as hipóteses. Bardin explica que o índice pode ser a menção explícita de um tema numa mensagem. “Se se parte do princípio de que este tema possui tanto mais importância para o locutor quanto mais frequentemente é repetido, o indicador correspondente será a frequência deste tema de maneira relativa ou absoluta, relativamente a outros.” (BARDIN, 1979, p. 126).

Outro importante passo é dado na hora da escolha dos documentos, quando devem ser levadas em conta algumas regras como exaustividade e representatividade. No caso da exaustividade, todos os documentos relativos ao assunto pesquisado, no período escolhido, devem ser considerados. Por isso, todas as matérias que se referirem à PMMG no período foram analisadas. Para a representatividade, Bardin (p. 123) afirma que a definição da amostragem deve ser capaz de fornecer dados suficientes. O período de três meses de análise se justifica para permitir esta representatividade, haja vista ser necessário um volume considerável de citações referentes à PMMG.

Vamos ressaltar agora a categorização, que é realizada através do reagrupamento das unidades de registro em número reduzido de categorias. Entre as unidades de registro estão a palavra, o tema, o objeto ou referente, o personagem, o acontecimento e o documento. No caso em questão, será considerado, principalmente, o objeto ou referente, porque o texto será recortado em função de um tema eixo, a Polícia Militar de Minas Gerais, agrupando-se à sua volta tudo o que o jornal exprime a seu respeito.



O objetivo é tornar mais palpável a quantidade de dados obtidos e sua diversidade. Para Bardin, os critérios de categorização podem ser semânticos (categorias temáticas), sintáticos (verbos e adjetivos), léxicos (classificação das palavras segundo seu sentido) ou expressivos (categorias que classificam as diversas perturbações da linguagem).

A “Notícia do Dia”

Foram 91 jornais analisados, entre abril e junho de 2011. As matérias da seção “Notícia do Dia” do período trazem como tema fatos, em geral, policiais, que aconteceram em Belo Horizonte, na região Metropolitana e em cidades das mais diversas regiões de Minas, como Triângulo Mineiro, Zona da Mata, Norte do estado, entre outras. Se formos realizar uma comparação, podemos dizer que nem todos os municípios mineiros têm todos os órgãos públicos instalados, mas em todos os 853 municípios está presente a PMMG. Portanto, esta corporação pode dar uma melhor visibilidade daquilo que ocorre em todo o estado, havendo, em muitos casos, uma relação de dependência da informação dada por ela. Entendemos que para que isso seja possível, é preciso que haja credibilidade na fonte. Assim, é preciso destacar que somente uma instituição centenária e com uma trajetória reconhecida poderia prestar este papel, mesmo que seja através de seus representantes, que ganham voz nas matérias diárias do “Super”.

Em geral, os assuntos nos quais a PMMG aparece como fonte são os fait-divers, que ressaltam fatos banais, mas curiosos, que não colocam em embate a corporação e o criminoso, mas sim pessoas que, por algum motivo, seja uma briga em família, uma briga de casal ou o próprio desemprego, acabaram praticando algum crime ou um “desvio de conduta”, o que exigiu a interferência da polícia para que a realidade fosse colocada novamente em ordem, para que a vida voltasse à normalidade. No geral, nas matérias analisadas, podemos afirmar que há um reforço do medo nas narrativas, já que as pessoas comuns também podem ser vítimas de criminosos a qualquer momento, podem perder a vida quando saem para trabalhar, quando saem para ir à escola, até mesmo quando estão dentro de casas e se põem diante de um inimigo.

Para a análise da representação da PMMG, criamos algumas categorias diante das repetições encontradas nas reportagens. Estas categorias dizem respeito a fontes, temas, discursos e versões predominantes no texto, entre outras.

Dentre o material analisado quantitativamente, o discurso da corporação mineira aparece em quase 60% destas reportagens da página 3. Das 91 matérias, em 54 a Polícia Militar foi ouvida ou é citada. A narrativa do “Super” reforça o discurso desta corporação



porque, destas 54, a PM é a única fonte ou a fonte principal em 28 delas. Apesar da forte presença da PM nos textos da seção, no que diz respeito ao título, a referência ao nome Polícia Militar é feita em apenas quatro, do total de 91, o que representa 4,39%.

Feita a pré-análise dos jornais, encontramos algumas categorias, que mostraremos a seguir e que foram importantes para mostrar que Polícia Militar é construída na narrativa do “Super”.

a) Corporação Polícia Militar como fonte

Apesar de nem sempre a PM ser a única fonte nesta seção do jornal, este modelo se repete ao longo dos três meses analisados. No primeiro parágrafo, o lead traz, na maioria das vezes, um resumo do fato, que foi registrado e contado pela PM. No segundo, a narrativa faz referência à corporação, da seguinte maneira: “De acordo com a Polícia Militar”.

Por exemplo, na reportagem “Mata por causa de uma dívida de R\$ 10”, publicada no dia 5 de abril de 2011, o fato aconteceu na cidade de Visconde do Rio Branco, com cerca de 38 mil habitantes, na Zona da Mata mineira. A história é de um homem que foi morto porque não teria pago o valor de R\$ 10 por uma gaiola de passarinho que havia adquirido. Apenas a Polícia Militar é ouvida, e é nela que se sustenta a reportagem. Ora o discurso aparece como se fosse do jornal, ora da Polícia Militar e ora com aspas de um tenente da corporação.

Veja o exemplo: Primeiro parágrafo: “Um auxiliar de produção foi assassinado com um tiro por causa de uma dívida de R\$ 10 referente à compra de uma gaiola, na noite de anteontem, em Visconde do Rio Branco, na Zona da Mata”.

Segundo parágrafo: “De acordo com a Polícia Militar, o auxiliar de serviços gerais Renato Fagner Gusmão da Silva, de 21 anos, foi cobrar o pagamento da gaiola e, durante uma discussão, teria matado Furlan de Oliveira da Silva, de 19, no bairro Nova Cidade. Gusmão fugiu após o crime, mas foi reconhecido pela namorada da vítima.” Neste parágrafo, apenas é colocado como questionável o momento que antecedeu o crime, quando a narrativa utiliza o verbo no futuro do pretérito, ou seja, na forma condicional: “teria”.

b) Policial militar como fonte:

Ao contrário do que se poderia imaginar, não são os policiais das patentes mais altas que têm seus nomes divulgados com mais frequência nesta seção do “Super”. Em geral, são os policiais de patentes inferiores na hierarquia policial, como soldados, cabos e sargentos, as fontes da matéria, não se recorrendo também à Assessoria de Comunicação Organizacional da PM. Eles são identificados pelas patentes e pela companhia que



representam. Nossa análise é de que o policial ouvido é aquele que está na rua ou que participou do flagrante e vai contar para o repórter aquilo que presenciou. Observe os exemplos que separamos para ilustrar esta constatação:

“De acordo com o sargento Carlos Noel Soares, da 10ª Cia do 5º Batalhão, a auxiliar de produção Avenilce dos Santos acionou a PM após esfaquear o marido na sala da casa. Ela relatou que o companheiro Rodrigo Luciano Lopes, de 33 anos, bebeu vinho, conhaque e cerveja durante todo o dia enquanto escutava música (...) Matéria do dia 23 de abril, que recebe o título de “Mata o marido com facada no peito.”

Na matéria “Bebê usado como escudo e baleado na cabeça”, do dia 13 de maio, ocorrida em Lagoa Santa, é um soldado quem conta a história: “De acordo com o soldado Igor Câmara, da 181ª Companhia do 36º Batalhão da Polícia Militar, por volta da meia noite, dois homens em uma moto, usando capacetes, foram até a casa onde a vítima estava, no bairro Nossa Senhora de Lourdes. No local, um dos suspeitos bateu na porta da residência e chamou a vítima (um travesti que teria envolvimento com o tráfico) pelo nome.”

c) Voz é dada ao policial militar mesmo quando pronunciamento caberia a outro:

É recorrente na narrativa do “Super” a fala de um policial militar para contar o fato e fazer “conclusões” sobre o ocorrido, mesmo quando isso depende de uma investigação da Polícia Civil. Vejamos os exemplos em dias variados do período analisado de assuntos que deveriam ser tratados até mesmo por outras fontes: “Segundo o soldado Sérgio Rodrigues, o corpo não foi identificado por causa do estado avançado de decomposição”. Neste caso, quem deveria falar deveriam ser os peritos da Polícia Civil. (Matéria do dia 9 de abril de 2011). “Ainda conforme o militar, Gusmão foi autuado em flagrante pelo crime de homicídio”. Esta informação deveria ter sido confirmada pelo delegado da Polícia Civil que vai investigar o caso (Reportagem do dia 5 de abril de 2011).

“A Polícia Militar não descarta a participação dos próprios alunos.” (Matéria sobre ameaças à diretora de uma escola pública, publicada no dia 12 de maio). As investigações são realizadas pela Polícia Civil, portanto esta conclusão de quem participou deveria ser feita por esta instituição policial.

d) Discurso predominante:

O discurso que predomina nas matérias nas quais a PM foi ouvida é o da corporação, havendo um silenciamento, em muitos casos, se o que está sendo dito é a versão do jornal, de algum policial ou do boletim de ocorrência da corporação. Além disso,



a informação da PM é, na maioria das vezes, assumida como a verdade, enquanto as demais vozes seriam “outra versão”. Durante a análise da seção “Notícia do Dia”, podemos perceber que a “dependência” em relação à PMMG acontece, principalmente, quando o fato narrado pelo periódico ocorreu em cidades mineiras fora da região metropolitana de Belo Horizonte. Nestas ocasiões, aparentemente, a apuração seria feita por meio de telefone. Nestes casos, o policial torna-se os “olhos” e os “ouvidos” do repórter, porque é ele quem dará a versão do fato que vai ser registrada no jornal e lida pelos milhares de mineiros em todo o estado.

Quando as reportagens apresentam informações ou falas atribuídas à Polícia Militar, aos familiares, aos suspeitos e até mesmo de outras instituições policiais, é comum o primeiro discurso ou o considerado como o fato em si ser o da PMMG.

Note este exemplo, do dia 14 de maio: “Segundo a Polícia Militar, apenas um dos suspeitos estava armado. O cabo Cássio Ferreira de Assis não confirma a versão apresentada à família de Mônica e acredita que a costureira foi morta por ter presenciado o crime. “Um dos criminosos jogou a camisa na rua, para não ser reconhecido. Justamente por isso, eles podem ter atirado na costureira, que teria presenciado o crime. Ela pode ter sido vítima de uma queima de arquivo.”

Mesmo tendo apenas as impressões do momento e sem maiores investigações, o cabo dá o seu depoimento, que é reproduzido no jornal como se fosse a verdade. Nesta matéria, é apresentada, no último parágrafo, a versão da Polícia Civil. No entanto, ela aparece como se fosse uma “terceira” explicação para o crime, portanto é vista como se não fosse a explicação “verdadeira” ou “oficial”. Observe: “A Polícia Civil, conforme sua assessoria de imprensa, tem uma terceira explicação para a morte da costureira. De acordo com investigadores, Mônica foi vítima de uma bala perdida. Até o fechamento desta edição, os dois suspeitos permaneciam foragidos.”

Outro exemplo, do dia 23 de maio, em que o discurso da PM se sobressai sobre os demais, está na matéria “Mãe e filho são assassinados a tiros”:

“Segundo informações da Polícia Militar, dois homens chegaram ao local em busca do menor de 17 anos. Além de atirar nele, eles acertaram quatro tiros na mãe, Elizângela Bicalho dos Reis, de 33 anos, e outros dois no irmão, de 15 anos. De acordo com a PM, o crime estaria relacionado com o tráfico de drogas, mas a família nega.”

e) Valorização do trabalho da PM como justiceira e mantenedora da ordem:

Analisamos aqui que a corporação que aparece no “Super” é a que ajuda a manter a ordem, capaz de dar conta deste risco permanente em que a sociedade se encontra. Para isso, muitas vezes, a narrativa do periódico reforça a importância das ações contadas. No

jornal do dia 24 de abril, o título da “Notícia do Dia” é “Bandido mais procurado pela polícia é morto”. É evidente que a narrativa reforça um discurso que é o da corporação. É ela quem diz que este é o criminoso mais procurado que seria suspeito de “pelo menos” 50 homicídios, além de assalto e tráfico de drogas. Além disso, o fato de ele ser o mais procurado justificaria para o leitor a sua morte pela corporação, que teria feito, então, “a justiça”. Neste caso, publicado no dia 24 de abril, ao contrário da maioria, quem fala é o capitão que comandou a operação em Contagem. Na ação, também morreu um jovem de 17 anos, que, segundo a PM, seria “o braço direito” do traficante. Mas, o discurso em prol de justificar a ação da PM continua, já que “um policial também ficou ferido em uma das pernas pelos estilhaços dos tiros”. Com os suspeitos, também foram apreendidos, segundo a reportagem, armas e drogas, que são especificadas na matéria.

Também podemos dizer que a PM representada no “Super” é a que consegue impedir uma tragédia ainda maior quando chega ao local do crime, mesmo após ele já ter ocorrido. Esta situação pode ser exemplificada com a matéria publicada no dia 10 de abril, sob o título “Bêbado enciumado mata homem em bar”. No primeiro parágrafo, a narrativa jornalística conta a história de uma briga por causa de uma mulher em Contagem e diz que, “com apenas uma facada, Márcio Adriano Santos, de 35 anos, matou Vanderlei Brás Lacerda. Os dois estavam embriagados na hora da discussão.” O segundo parágrafo começa: “De acordo com a Polícia Militar...”. No parágrafo seguinte, está a frase necessária para destacarmos o que dissemos acima: “Após cometer o crime, frequentadores do bar, revoltados com a situação tentaram linchar o suspeito. A polícia foi acionada e conseguiu impedir que Márcio fosse assassinado. Ele foi socorrido e encaminhado para o Hospital João XXIII onde ficou escoltado por policiais até a manhã de ontem”.

A valorização do trabalho da PM acontece até mesmo pela publicação de assuntos curiosos que passariam sem destaque nos chamados jornais de referência, os *quality paper*. No “Super”, ganham a manchete e a “Notícia do Dia” temas como a apreensão de 6 kg de maconha, na edição do dia 18 de maio. Esta ação poderia ser mais uma corriqueira, sem destaque na imprensa. No entanto, o fato de a droga ter sido encontrada escondida na geladeira, em meio aos legumes, que ajudavam a disfarçar o cheiro, chama atenção, é considerado extraordinário. Como a prisão foi realizada pela Polícia Militar, o discurso que permanece é aquele de que a corporação conseguiu tirar de circulação mais um traficante. No entanto, o traficante mostrado por meio da narrativa do “Super” é aquele que justifica sua ação, dizendo que está desempregado e, por isso, não teria tido escolha, a não ser buscar o sustento através do tráfico.

f) Imagem positiva da corporação

Durante o período analisado, foram poucas as reportagens que chamaram atenção para situações negativas envolvendo ações da corporação, problemas de segurança pública ou a necessidade de prevenção nas ruas da cidade. Uma das poucas reportagens que faz críticas ao trabalho de prevenção da PM é sobre o problema do uso de maconha publicamente na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, onde há entrevistados criticando a falta de policiais militares nas ruas. No entanto, consideramos esta reportagem uma única voz destoante, diante de todas as demais.

Outros casos que aqui chamaremos de “negativos” que aparecem envolvendo policiais também têm cunho pessoal por envolverem integrantes da corporação fora do ambiente de trabalho. Geralmente são casos passionais, como a de uma sargento da PM que matou o namorado também sargento por ter sido agredida por ele, e a de outro policial militar que matou a namorada com um tiro e depois morreu em um acidente de carro no Anel Rodoviário da capital mineira. Não há nenhum registro de corrupção policial ou outros fatores negativos denunciados no periódico,

Com relação às fotografias publicadas, foram 16 nas quais aparecem policiais militares. Entre elas, 15 mostram os policiais no local do crime, ao lado de um corpo, guardando a porta de uma escola, de uma igreja ou em alguma operação de prisão de suspeitos, ou ainda uma viatura da PM próximo a uma delegacia da Polícia Civil. Não há nenhum caso em que os policiais apareçam em situações que possam ser ditas vexatórias, apesar de, em muitos casos, o policial estar presente depois que o crime ocorreu, ou seja, ele não teria conseguido evitar a ação violenta. Em apenas um dos dias analisados, justamente o da reportagem na qual a polícia matou o bandido considerado o mais procurado, aparece a fotografia do capitão da PM que comandou a operação e deu entrevista na reportagem. Neste caso, podemos dizer que há necessidade de uma voz que fale pela corporação, que explique e defenda a ação que terminou com mortes do lado “inimigo”, por isso não poderia ser um policial de menor patente o entrevistado.

Conclusão

É preciso distinguir duas faces que fomentam a construção da narrativa analisada neste artigo. De um lado, podemos perceber uma nítida representatividade da PMMG como o organismo da ordem e da repressão. De outro, vale destacar que, na contramão da preparação da corporação mineira para lidar com a imprensa, criando assessorias de comunicação e programas de prevenção que envolvem o nome do Governo do Estado e divulgação da queda do índice de criminalidade em Minas, a PMMG que se evidencia no



“Super Notícia”, é formada por soldados, cabos e sargentos, com raras exceções, que estão nas ruas realizando flagrantes e operações e que não têm o mesmo discurso dos que elaboram as políticas públicas de segurança. Apesar de a própria PMMG, através de diretrizes modernas, colocar-se em oposição à repressão como forma de atuação marcante de toda a corporação não é esta a sua representatividade nas páginas do jornal mais lido no estado.

Ao término de três meses de análise da narrativa do “Super Notícia” sobre a PMMG percebe-se que a corporação é amplamente mencionada na “Notícia do Dia”, maior vitrine do periódico. Em casos de crimes contra a vida, que são a maioria do que compõe a narrativa, como é a PM a fonte principal e a origem do assunto, há, muitas vezes, uma valorização do trabalho desta corporação, já que é ela também a fonte predominante. Sendo mencionada em quase 60% das matérias analisadas, a PMMG aparece no jornal como aquela que registrou um crime que aconteceu na sociedade, já amedrontada, mas também como aquela que chega para resolver e trazer a ordem novamente ao local.

Ressaltada a importância das corporações policiais, gostaríamos de lembrar que, por mais que as ações preventivas aconteçam e que haja, sem dúvida, uma evolução nas coberturas relacionadas com a criminalidade, principalmente no que diz respeito à cobrança dos movimentos ligados aos direitos humanos, o crime em si e o seu combate é o que ganham destaque na mídia, pelo valor-notícia que possuem, o que acaba contribuindo para o sentimento de sensação de insegurança latente na sociedade. No entanto, o noticiar o crime é imprescindível, já que escândalos, investigações e tragédias são consolidados como valores-notícias. Nestes casos, há categorias apontadas por diversos autores que são levadas em consideração, como tipo de infração, escândalo, lógica do espetáculo, entre outras.

É preciso lembrar aqui que vários discursos atravessam o “discurso” da mídia. Além disso, a lógica da narrativa de imprensa, em geral, é binária e simplificadora, colocando de um lado os que são bons e de outro os que são maus. Outro fator a se pensar é que, apesar de a mídia colaborar para reforçar um discurso sobre a PM, eles não nascem nos meios, eles são, sim, potencializados por ele. Existem fatores que a mídia reforça, outros que são refutados e outros silenciados. O que podemos finalmente concluir é que, ao destacar sempre a repressão e o crime, ao contrário da prevenção, a mídia colabora, de forma definitiva, para reforçar a imagem da polícia justiceira, que atua no sentido de punir aqueles que estão fora da lei.

Referências bibliográficas

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.



BAUMAN, Zygmunt. Medo líquido. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

DIAS, Ana Rosa Ferreira. **O discurso da violência** – as marcas da oralidade no jornalismo popular. São Paulo: Educ/Cortez, 1996.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Trad. Ivone C. Benedetti. Bauru, SP: Edusc, 2001.

MENDONÇA, Kleber. **A punição pela audiência**: um estudo do Linha Direta. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

NORONHA, Flávia Lima Ayer. 2007. **Super fenômeno** - o sucesso de um jornal popular mineiro. Monografia apresentada ao curso de graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social. 2007.

PAULA, Francislene Pereira de. 2009. **Jornalismo popular**: sensações a serviço da afirmação de uma identidade nacional. Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção de grau de bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF. 2009.

SILVA, Aurélio José da. **Violência é caso de mídia, de polícia ou de política?** Mediação/Universidade Fumec, Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde. Vol. 12, nº 1 (jul./dez 2010). Belo Horizonte: Universidade Fumec, Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde, 2001. p. 41-51.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo** - Volume I: Por que as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2. Ed., 2005.

_____. **Teorias do Jornalismo** - Volume II: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.